

PALAVRAS DO EMBAIXADOR  
DÁRIO MOREIRA DE CASTRO  
ALVES NA HOMENAGEM  
PRESTADA PELO INSTITUTO  
RIO BRANCO, DO MINISTÉRIO  
DAS RELAÇÕES EXTERIORES,  
À MEMÓRIA DO EMBAIXADOR  
ANTONIO FRANCISCO  
AZEREDO DA SILVEIRA AO SE  
COMPLETAREM DEZ ANOS DE  
SEU FALECIMENTO





PALAVRAS DO  
EMBAIXADOR DÁRIO MOREIRA  
DE CASTRO ALVES  
NA HOMENAGEM PRESTADA  
PELO INSTITUTO RIO BRANCO,  
DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES  
EXTERIORES,  
À MEMÓRIA DO  
EMBAIXADOR  
ANTONIO FRANCISCO  
AZEREDO DA SILVEIRA  
AO SE COMPLETAREM DEZ ANOS  
DE SEU FALECIMENTO



## Apresentação

Depois da publicação das “24 Cartas de João Guimarães Rosa à Antonio Azeredo da Silveira”, inúmeros comentários mencionaram o fato que muito se sabe sobre a atuação de Azeredo da Silveira como diplomata e principalmente como Ministro das Relações Exteriores, mas pouco se conhece sobre seus antecedentes e a sua juventude. Na realidade, a melhor biografia de Azeredo da Silveira é a que ele mesmo contou em entrevistas dadas às Professoras Maria Regina Soares de Lima e Mônica Hirts, biografia que foi organizada pelo Professor Matias Spektor, da Fundação Getúlio Vargas, e publicada em 2010 sob o título “Azeredo da Silveira, Um depoimento” (Editora FGV, Rio de Janeiro, 2010, ISBN: 978-85-225-0834-1).

Por outro lado, creio que não foi publicada a transcrição do discurso feito pelo querido Embaixador Dário Moreira de Castro Alves em maio de 2000, traçando em poucas palavras a vida de Azeredo da Silveira de forma bastante completa e muito pungente. Por essa razão decidi colocá-la aqui, em complemento às “24 Cartas”.

Flavio Azeredo da Silveira









---

**Palavras do Embaixador Dário Moreira de Castro Alves na homenagem prestada pelo Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, à memória do Embaixador Antonio Francisco Azeredo da Silveira ao se completarem dez anos de seu falecimento.**

**Brasília, 15 de maio de 2000**

Excelentíssimo Senhor Embaixador Luiz Felipe Lampreia, Ministro de Estado das Relações Exteriores;

Excelentíssimo Senhor Embaixador Luiz Felipe de Seixas Correa, Secretário Geral do Ministério das Relações Exteriores;

Excelentíssimo Senhor Embaixador André Mattoso Maia Amado, Diretor do Instituto Rio Branco;

Representantes da família de Antonio Francisco Azeredo da Silveira;

Senhoras e Senhores,

Conheci Antonio Francisco Azeredo da Silveira em abril de 1951, quando fui nomeado Terceiro Secretário, após concluir a quarta turma do Instituto Rio Branco, para a qual fizera concurso em 1949. Tocou-me conhecê-lo na tradicional ronda de apresentações a que nos conduzia o então chefe da Divisão do Pessoal, Conselheiro Aguinaldo Boulitreau Fragoso. O Segundo Secretário Azeredo da Silveira era oficial de gabinete do Embaixador Orlando Leite Ribeiro, chefe do Departamento de Administração, um chefe que hauria força e prestígio, não só de suas altas qualidades pessoais e funcionais, dentre as quais esplendia a de chefe propriamente dito, mas do prestígio decorrente da amizade pessoal com o Presidente Getúlio Vargas e com o Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador João Neves de Fontoura. Estávamos, à época, à distância apenas de uma geração da Revolução de 1930. O Segundo Secretário Antonio

Francisco Azeredo da Silveira, já conhecido pelo afetuoso diminutivo de Silveirinha, que o acompanhou por toda a sua vida e o acompanha em sua memória, já era um *homem forte*, como era seu chefe imediato, por quem era prestigiado e junto a quem era sabidamente influente.

Como fui designado, segundo o plano de lotação da minha turma, constituída de doze Secretários, para a Divisão do Material, então uma das três Divisões do Departamento de Administração – Pessoal, Material e Orçamento – meus contatos com o Silveirinha se amiudaram, tendo ele notado meu gosto e minha predileção por assuntos administrativos. Alguns meses depois e já éramos amigos, convidado que fui para conhecer sua família e sua casa, um apartamento na Avenida Copacabana, perto do Hotel Copacabana Palace. E surgiu-lhe, por essa época, o hábito de me chamar de *chela*, o que a princípio me surpreendeu. Meus conhecimentos de Rudyard Kipling eram escassos, limitavam-se a alguns contos do *Jungle Book*, dentre os quais a história de Mogli, o menino lobo, à parte o famosíssimo *If*, então leitura obrigatória. Senti-me impelido a discretamente consultar na Biblioteca o *Kim*, obra prima de Kipling, maravilhoso romance que participa de três naturezas: a aventureira história de espionagem, o romance pícaro que debuxa a fervilhante e ruidosa vida urbana no noroeste da Índia e a busca para libertar-se do jugo da existência humana e para encontrar a transcendência espiritual. O *chela* era um pequeno amigo do mundo, despertando da sua condição juvenil para a de um mundo de mais profundo sentimento e emoção. Entendi que Silveirinha era o mestre, o lama, e eu o discípulo, o *chela*, o menino que sabe tudo, ligados e unidos por uma devoção recíproca fundada no pensamento de que só o amor transforma a humanidade. É um livro para jovens e pessoas de todas as idades. Mas não iam muito além disso as nossas conversas, uma vez ou outra, sobre a obra do grande romancista vitoriano. Permanecia sempre, sim, em nosso convívio, o apelo mágico da figura do *chela*, que eu corporificava na opinião de Silveirinha.

---

Antonio Francisco Azeredo da Silveira nasceu em 22 de setembro de 1917, no Rio de Janeiro. Seu pai, Flávio da Silveira, que eu bem conheci, foi, além de advogado e poeta, um político – Deputado pelo Distrito Federal. Como fosse correligionário do Presidente Washington Luiz, pediu asilo à Embaixada da Polônia no Rio de Janeiro, por ocasião da Revolução de 1930, pois, pai de sete filhos, não considerava possível exilar-se no exterior e ter condições de sustentar a família. Na verdade foi preso várias vezes, em 1932, por participar no Rio de Janeiro de manifestações em favor do Movimento Constitucionalista de São Paulo contra Getúlio Vargas. Sua mãe, Léa Maria Azeredo da Silveira, além de esposa e mãe de família, foi também cantora de música erudita, tendo dado concertos no Teatro Municipal e merecido críticas favoráveis, inclusive do escritor Mario de Andrade. Com a Revolução de 1930, ela, que nunca trabalhara fora de casa, passou a lecionar canto.

Antonio Francisco era o quinto filho de uma família de sete irmãos. Pela ordem de idade, Flávio Léo, arquiteto, falecido nos anos 70; Amaro, falecido nos anos 60; Flávia da Silveira Lobo, falecida em 1998; Maria Elisa Chermont de Miranda; Bernardina Léa Maria Silveira Pinheiro e Margarida Britto Pereira. A Bernardina souveedor de valiosas informações sobre os ascendentes do irmão e sobre sua vida anterior à admissão na carreira diplomática.

Era neto de Antonio Francisco Azeredo, jornalista, advogado e Senador durante 25 anos por seu Estado, Mato Grosso, dos quais quinze anos na condição de Vice-Presidente do Senado federal, período em que participou da posse dos Presidentes Delfim Moreira da Costa Ribeiro, Epitácio Pessoa, Arthur Bernardes e Washington Luiz Pereira de Souza. Na defesa constante dos interesses do Estado que representava e do país, o Senador Azeredo teve oportunidade de derrotar a causa de Madame Lynch, que reivindicava junto à Justiça brasileira a posse de terras no Mato Grosso que lhe haviam sido doadas pelo amigo Francisco Solano Lopez. Era defensor de Madame Lynch, Rui Barbosa.

O Senador Antonio Azeredo, ou simplesmente Senador Azeredo como era então conhecido, era casado com Maria Bernardina Azeredo. Moravam num palacete à praia do Botafogo no 364 e, segundo era costume, como o dizem almanaques de registros sociais da época, recebiam socialmente em dias marcados da semana, no seu caso às segundas e às quintas-feiras. Também constava dos mesmos registros que o Senador Azeredo passava o verão em Poços de Caldas. Nascido em 1858, tinha sido Deputado à Primeira Constituinte republicana. Membro da Comissão de Diplomacia da Câmara Alta, tomou parte saliente de reuniões realizadas no Palácio Itamaraty, para deliberar sobre a entrada do Brasil na primeira Grande Guerra. Em orações parlamentares o Senador Azeredo se pronunciou muitas vezes sobre questões de política internacional, como, por exemplo, a candidatura do Brasil a um posto permanente no Conselho da Sociedade das Nações e a retirada do nosso país dessa instituição. O Senador Azeredo faleceu em 1936 mas a Revolução de 30 já havia marcado o fim de sua carreira pública.

Silveirinha era bisneto de Manoel Francisco Corrêa, Senador, Conselheiro do Império e Ministro dos Negócios Estrangeiros. Nascido no Paraná, em 1831, na vida pública exerceu cargos sucessivos de Deputado, Senador, Conselheiro de Estado, Presidente de Província e Ministro dos Negócios Estrangeiros no Gabinete de Visconde de Rio Branco, de 1871 a 1873. Entre muitos atos e negociações diplomáticas que marcaram aquele período, assinala-se a nomeação do Visconde de Itajubá para o cargo de um dos árbitros, em 1871, da questão do Alabama surgida entre a Grã-Bretanha e os EUA; o Tratado de Paz e Amizade Perpétua com o Paraguai. Os relatórios anuais do Conselheiro Corrêa como Ministro dos Estrangeiros e a resenha de Cardoso de Oliveira em sua extensa obra dão ideia mais precisa da multiplicidade e relevância das iniciativas da pasta naquele período. Também nas *Efemérides* do Barão do Rio Branco, há registro de importantes decretos assinados por Manoel Francisco Corrêa, o bisavô de nosso Silveirinha, relativos à promulgação do Tratado de Paz com o Paraguai; ao Tratado de Limites entre o Brasil e o Paraguai;

---

ao Tratado de Amizade Comércio e Navegação entre o Brasil e o Paraguai. Argeu Guimarães, no Dicionário *Bio-Bibliográfico Brasileiro de Diplomacia, Política Externa e Direito Internacional*, Rio de Janeiro, 1938, dá conta dos vários relatórios políticos e diplomáticos do Conselheiro Manoel Francisco Corrêa, dentre os quais *Conferências e Outros Trabalhos* (Rio de Janeiro, 1885, um volume de 350 páginas com retrato). A vida político-administrativa do homem de Estado cessou com a queda do Império mas, por grande insistência de amigos, dentre os quais o Ministro da Fazenda, Inocêncio Serzedêlo Corrêa, aceitou ser nomeado para o cargo de Presidente do Tribunal de Contas (o primeiro a exercê-lo), criado pela Constituição Republicana de 1891. No ato de nomeação, dele disse Serzedêlo Corrêa: “A lealdade e dedicação com que serviu esse digno homem de Estado no regime passado são a garantia do modo por que há de servir à República, isto é, à Pátria, que todos nós temos de dever de amar e colocar acima de tudo”.

As notas precedentes sobre o pai, o avô e o bisavô de Antônio Francisco Azeredo da Silveira dão a imagem do extenso quadro de atuações na vida política e diplomática brasileira a que se devotou sua ilustre ascendência. A diplomacia e a política em geral vivamente estiveram presentes na vida de ancestrais de Antonio Francisco Azeredo da Silveira.



Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro

O nosso Silveirinha estudou no Colégio Anglo-Americano até a quarta série ginásial mas, com a Revolução de 30, que ocorreu quando ele contava 13 anos de idade, deixou o colégio para trabalhar no Banco Boavista, tendo terminado o ginásio num curso noturno. Em 1934 foi bacharelado em Ciências e Letras, no Rio de Janeiro e, de 1936 a 1937, cursou a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Como fossem modestos os seus recursos, em breve ingressou na Caixa Econômica, onde tão bem desempenhou as suas funções que em pouco tempo foi promovido a chefe de seção. Nutrindo grande desejo de experimentar viver algum tempo nos EUA, mesmo como imigrante, juntou recursos na caderneta de poupança da Caixa e, quando já alcançara o suficiente para pagar a sua passagem, em navio cargueiro qualquer, procurou o Ministério das Relações Exteriores para obter informações sobre o visto de imigrante para os EUA. Lá veio a conhecer o diplomata Renato de Mendonça, antigo amigo da família Azeredo da Silveira, que não se conformou em ver Antonio Francisco, então com 20 anos, partir em condições tão precárias para o exterior. Pediu-lhe que aguardasse de sua parte um contato posterior. Decorrido algum tempo, Renato Mendonça telefonou a Antonio Francisco para indagar se aceitava ir para São Francisco na condição de contratado, como Auxiliar de Consulado, uma vez que havia uma vaga naquela Repartição consular brasileira. Antonio Francisco exultou com a notícia e aceitou o oferecimento, ciente de que teria que pagar ele próprio a despesa com sua viagem, o que estava em condições de fazê-lo. E assim veio a ser contratado, em janeiro de 1939, como auxiliar do Consulado Geral em São Francisco da Califórnia. Mereceu elogios formais e calorosos do Cônsul Alfredo Polzin, em 1940, e do Cônsul Geral A. Saboia Lima, em 1941. Mas nesse ano obteve licença para ir ao Rio de Janeiro prestar concurso de provas para a carreira de Diplomata. Aprovado no concurso, realizado pelo DASP, na fase anterior à da existência efetiva do Instituto Rio Branco, que data de 1946, Antonio Francisco Azeredo da Silveira foi nomeado Terceiro Secretário, em 11 de dezembro de 1943. O percurso de sua carreira pode ser assim apresentado: promovido por merecimento a Segundo Secretário, em 1947; por merecimento

---

a Primeiro Secretário em 1953; recebeu o título de Conselheiro em 1959; promovido a Ministro de Segunda Classe, por merecimento, em 1959; promovido a Ministro de Primeira Classe, por merecimento, em 1964. Contou-me Bernardina da Silveira Pinheiro, irmã mais moça de Silveirinha, viúva de Caio Pinheiro, que May Caldas Paranhos, com quem veio a casar Silveirinha, em 27 de outubro de 1943, se conheceram por intermédio dela, Bernardina, quando, durante a Segunda Guerra Mundial, seguia um curso de enfermagem que era então oferecido pela Cruz Vermelha Brasileira, curso que também fazia Dona Dinah Caldas Paranhos e sua filha May. Foi por aquela ocasião que Silveirinha conheceu o Dr. Ernesto Paranhos, médico obstetra, que veio a ser seu sogro. De 1945 a 1949 serviu na Embaixada em Havana, onde foi promovido, em 1947, a Segundo Secretário. De 1949 a 1950, serviu na Embaixada em Buenos Aires. De 1951 a 1954, na Secretaria de Estado.

Minha amizade com Antonio Francisco Azeredo da Silveira, que logo aprendi a chamar pelo nome, sem o título de Secretário, dentro da norma não escrita de nosso velho Itamaraty segundo a qual o diplomata ao entrar para a carreira diplomática podia tratar sem maiores cerimônias um outro colega até ao nível de Primeiro Secretário. Silveira com frequência indicava meu nome para integrar comissões ou grupos de trabalho na área administrativa. Uma delas foi um órgão que prestou ao Itamaraty (creio que em fins de 1951 e primeira metade de 1952), serviço de particular relevância: a Comissão Encarregada de Proceder ao Estudo da Organização, Condições, Normas e Métodos de Trabalho das Unidades Administrativas do Ministério das Relações Exteriores, a que presidira o Marechal Osvaldo Cordeiro de Faria, figura de grande projeção à época com uma importante folha de serviços nas Forças Armadas e na alta administração política do País, um dos fundadores da Escola Superior de Guerra, de quem veio a ser Comandante. Dela participava o Primeiro Secretário Roberto de Oliveira Campos, de quem vim mais tarde a tornar-me amigo e admirador, ao lado de personalidades diversas, também de fora do Itamaraty. Um deles foi o professor

Francisco Clementino de San Tiago Dantas, Ministro de Estado das Relações Exteriores no começo dos anos 60. O núcleo central daquela comissão era constituído por San Tiago Dantas et Azeredo da Silveira, a cujas reuniões informais, que se realizavam em casa do Dr. Plínio Doyle, advogado e grande amigo de San Tiago, estava eu presente. Examinaram-se questões diplomáticas amplas – a presença do Brasil no mundo, o papel da instrumentação diplomática, os mecanismos de ação da Chancelaria brasileira, organograma, métodos de trabalho, etc. Silveira também indicou o nome de seu *chela* para integrar a comissão para o estudo da construção de novo edifício do Ministério das Relações Exteriores, da qual ele era também membro, e que deveria ter sido erigido ao longo da parte norte e em substituição da ala mais velha do conjunto do Palácio Itamaraty no Rio de Janeiro. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Henrique Mindlin. O presidente da Comissão era o Embaixador Décio de Moura, grande chefe e amigo. As mudanças de administração, questões de previsão orçamentária e a evolução da ideia da transferência da capital para o Planalto central, e outras, travaram o projeto. Em 1955, a inclusão do tema da mudança da capital na plataforma política do candidato Juscelino Kubistchek de Oliveira imobilizou o projeto, finalmente afastado com a construção de Brasília.

Em 1953 fui convidado para fazer parte do gabinete do Secretário Geral, Embaixador Mário de Pimentel Brandão, grande figura de nossa diplomacia da época, o primeiro Embaixador brasileiro na União Soviética, gabinete que era chefiado pelo então Conselheiro Antonio Cândido da Câmara Canto, um dos meus grandes amigos ao longo da carreira. Da Secretaria Geral, passei para o gabinete do Ministro de Estado que sucedeu ao Embaixador João Neves da Fontoura, o Professor Vicente Rao, que exerceu suas altas funções até o suicídio do Presidente Getúlio Vargas.

Em fevereiro de 1954, Azeredo da Silveira foi designado para integrar a Delegação brasileira à X Conferência Internacional Americana, que se reuniu em Caracas. Por sua influência, fui incluído



---

na mesma delegação da qual Azeredo da Silveira era o Secretário Geral e eu seu imediato colaborador. Repartiu comigo o apartamento no hotel em que toda a delegação se hospedava, o Hotel Tamanaco. Para que se avalie a diferença das maneiras de viver e de trabalhar entre hoje e então, diga-se que a Conferência durava perto de um mês e que o Chefe da delegação, o Ministro Vicente Rao, a ela se deslocou de navio, de bandeira argentina, e em que vinha de Buenos Aires o Ministro das Relações Exteriores da Argentina. O Professor Vicente Rao, como os chefes das demais delegações, salvo o Secretário de Estado Foster Dulles, permaneceu em Caracas até ao final da Conferência.

Azeredo da Silveira mereceu elogios especiais do secretário Geral do Itamaraty, Embaixador Vasco Leitão da Cunha, pelos trabalhos de secretariado da reunião dos Embaixadores dos países do Continente no Rio de Janeiro, no começo de 1954, à qual também, por ele indicado, prestei colaboração. Em maio de 1954, foi Azeredo da Silveira, já Primeiro Secretário, removido para Madri, sua primeira missão no exterior nessa categoria. Segundo seu filho, Flávio, foi esta a época em que Azeredo da Silveira se dedicou especialmente a ler Ortega y Gasset. Era leitor assíduo de Hemingway, Oscar Wilde, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Monteiro Lobato, etc.

Nessa ocasião (remoção para Madri), nossos destinos tomaram rumo diferente. Depois da morte de Getúlio Vargas, que acarretou, logicamente, mudanças nas chefias do Itamaraty, fui trabalhar como Segundo Secretário, que eu já era desde dezembro de 1953, com o Embaixador Edmundo Penna Barbosa da Silva, chefe do então Departamento Econômico e Consular da Secretaria de Estado, um dos pioneiros da moderna diplomacia econômica multilateral, também um de meus grandes mestres e maiores amigos do Itamaraty. Em 1955, fui removido para a Embaixada em Buenos Aires, onde servi com os Embaixadores Orlando Leite Ribeiro e João Carlos Muniz. Lá chegava, um pouco depois, o Ministro Mario Gibson Barboza,

também meu grande e particular amigo e chefe muito querido com quem diretamente servi não poucos anos (oito) no exterior como no Brasil, e cujo Gabinete chefei, de 1970 a 1974. De sua parte Azeredo da Silveira era removido em meados de 1956 de Madri para Florença, para exercer a função de Cônsul e, seis meses depois, em Março de 1957, provisoriamente designado para chefiar a Comissão Brasileira de Seleção de Imigrantes da Europa, que funcionava na Embaixada do Brasil em Roma. Pouco depois era efetivada sua remoção de Florença para Roma onde foi feito chefe efetivo da mesma Comissão de Seleção. Em agosto de 1958, Azeredo da Silveira foi removido da Embaixada da Itália para a Secretaria de Estado e designado para a função de Chefe do Pessoal, do Departamento de Administração. Foi simultaneamente designado membro de grupo de trabalho incumbido da elaboração de anteprojeto de lei da reforma da organização dos quadros de pessoal do Ministério das Relações Exteriores no grupo de trabalho para transferência do órgão federal para Brasília. Como chefe do Pessoal fora também designado para exercer, interinamente, a função de chefe do Departamento de Administração por dispensa do Ministro Fernando Ramos de Alencar e, em fins de 1959, promovido a Ministro de Segunda Classe e designado chefe do Departamento de Administração.

Não pretendo transformar minha intervenção sobre Antonio Francisco Azeredo da Silveira numa transcrição de registros de sua vida funcional, extensa e variada naquele como em todos os períodos, por simplificação direi que sua atividade foi intensíssima na área da administração em geral, na área diplomática como consular, na imigração, nos estudos do sistema de formação do diplomata, no pagamento de funcionários no exterior, na coordenação dos serviços de propaganda e expansão comercial do Brasil. E, a partir de 1964, teve várias missões na área da Organização dos Estados Americanos, tendo sido nomeado Secretário Geral da II Conferência Interamericana Extraordinária, no Rio de Janeiro, 1965; também participou como Chefe da Delegação brasileira à Comissão Especial para elaboração de anteprojeto de reforma da carta da OEA, no

---

Panamá, em 1966. Na reunião extraordinária da OEA no Rio de Janeiro, em 1965, voltaram a intensificar-se meus contatos com Azeredo da Silveira, retomados na verdade desde abril de 1964, quando eu era Subchefe do Gabinete do novo Ministro, o Embaixador Vasco Leitão da Cunha, também um dos maiores amigos e chefes na minha vida de Itamaraty. Suas relações pessoais e funcionais com o Embaixador Vasco Leitão da Cunha não podiam ser melhores. O Doutor Vasco o encontrara, em abril de 1964, naquelas funções e nelas o manteve durante toda a sua gestão ministerial que se estendeu até o começo de 1966 quando, deixando a pasta, o Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco o fez Embaixador em Washington, cargo em que se aposentou, voluntariamente, da carreira, em 1968. Azeredo da Silveira, em 1966, tomou novos rumos com sua remoção para chefiar a Delegação do Brasil em Genebra, funções que desempenhou com o maior dinamismo, dedicação e criatividade, nela emprestando todo o brilho e experiência que já tinha adquirido em tão variadas áreas de serviço do Itamaraty. A mesma dedicação de que dera prova no trato de questões administrativas, migratória, sobre a OEA, era agora posta a serviço de questões econômicas, comerciais e sociais do âmbito próprio da Delegação do Brasil em Genebra. GATT, UNCTAD, Desarmamento eram agora os novos palcos de atuação de nosso Silveirinha, enfrentando as suas tarefas sem desfalecimento, com otimismo e confiança e exibindo facilidade no trato de grandes questões internacionais e europeias de que vinha especificamente a ocupar-se já na madureza do exercício da Carreira. No quadro dessas novas funções, teve presença e atuação em Roma, Munique, Londres, Argel, Nova Délhi, São Domingos, e outros centros. O retorno ao meu convívio pessoal e funcional com Azeredo da Silveira se deu em princípios de 1969, quando de passagem pelo Rio de Janeiro, me honrou com o convite para ser seu Ministro Conselheiro em Buenos Aires, para onde fora removido. Aceitei comprazido mas, por motivos familiares próprios, decidi depois permanecer mais algum tempo no Brasil onde tinha chegado de posto no exterior havia pouco mais de um ano, em fins de 1967. Tão grande foi meu constrangimento em pedir ao grande amigo e Chefe que dispensasse minha colaboração

em Buenos Aires, naquele momento, que decidi ir em brevíssima viagem a Buenos Aires para apresentar-lhe minhas escusas e que aceitasse meu desejo de permanecer mais algum tempo no Brasil. Recebi dele a maior compreensão e apoio, expressivos da exemplar amizade que já nos ligava perto de vinte anos.

Muito teria a dizer sobre a vida funcional, diplomática, de Azeredo da Silveira – o notável exercício de suas funções em Buenos Aires em período complexo do relacionamento argentino-brasileiro em função do aproveitamento hidrelétrico da Bacia do Prata, que envolvia também, e muito diretamente, o Paraguai, desde o assentado na Ata das Cataratas negociada pelo Chanceler Juracy Magalhães – e o cumprimento da mais alta e nobre função da sua vida, que foi a de Ministro de Estado das Relações Exteriores do Presidente Ernesto Geisel, de 15 de Março de 1974 a 15 de Março de 1979. Dir-se-ia que sua ancestralidade o chamava para a função diplomática que transcende o próprio exercício da carreira, pois se situa no alto firmamento da política nacional: a de administrar politicamente o instrumento diplomático da nação. Sabe-o muito bem, em toda sua essência, aquele que hoje distingue a todos nós com sua superior presença neste encontro em honra da memória de Antonio Francisco Azeredo da Silveira nos dez anos de seu desaparecimento de nosso convívio – o Embaixador Luiz Felipe Lampreia, há quase seis anos a dirigir com ciência, presciência e proficiência esta nossa Casa. Mais de uma vez o patrono de nossa diplomacia, o glorioso Barão do Rio Branco, nos seus tão famosos quanto breves discursos, ricos em elegância e em pensamento, insistiu naquela sua nota de que a política externa é uma política própria do país, acima das diferenciações ou contingências de natureza partidária. Isso tem sido seguido pelos diplomatas de carreira que têm ocupado a posição de comando da diplomacia, como também por Ministros de fora dos quadros da carreira. E o Chanceler Azeredo da Silveira, obviamente, não seria exceção a essa regra. Nesse particular, como em tantos outros no exercício do cargo de Ministro, a posição de Azeredo da Silveira foi, como é a de seu discípulo e sucessor, Embaixador Luiz Felipe Lampreia, exemplar.

---

De minha parte dei pequena contribuição para que o nome, a figura, a categoria, o patriotismo, a eficiência, a dedicação e o estilo de Azeredo da Silveira fossem ainda mais conhecidos de parte daqueles que tinham a delicada tarefa de indicar ou de escolher nomes que viessem a formar o Governo do Presidente Ernesto Geisel. Anunciada sua escolha como Ministro de Estado das Relações Exteriores, Silveirinha convocou, para reuniões preparatórias das linhas gerais de sua gestão, um pequeno grupo de colegas, o Conselheiro Luiz Felipe Lampreia, o Ministro Geraldo Holanda Cavalcanti, o Conselheiro José Nogueira Filho, eu, e outros mais. As reuniões se realizavam na residência de Azeredo da Silveira, em Ipanema, no Rio de Janeiro.

Recebi dele, ao convidar-me para as funções de Chefe do Departamento Geral de Administração (e anos depois mais me honrou com a indicação de meu nome para Secretário Geral), estas lições: cuidar com rigor da previsão orçamentária; tratar bem os mais humildes que, com o seu trabalho, por vezes tão mal remunerado, asseguravam consistência para o cumprimento das tarefas mais altas e mais custosas; eficiência e rapidez nas soluções. Sem um bom orçamento não há “entrega de nosso serviço”. E é muito mais difícil mensurar os gastos e os custos de nosso “serviço”, que não é um produto material mas é a própria política externa, imaterial como às vezes parece, porém expressiva em produção de riqueza, pois a boa política externa anda a par com o interesse nacional e uma das medidas é precisamente o atendimento às necessidades de nosso país. As quais não se saldaram, como é óbvio, apenas no país, mas também lá fora. Portanto, recomendava ele muito zelo no administrar o delicado mecanismo cujo produto, na esteira final de produção, é a política externa. Não improvisar jamais! Famoso foi seu lema “A melhor tradição do Itamaraty é saber renovar-se”, como constou de um cartaz que o Conselheiro Jorge Carlos Ribeiro mandou colocar na Divisão de Comunicações que ele chefiou e depois *levado* para o Departamento de Comunicações e Documentação, chefiado pelo Embaixador João Cotrim Rodrigues Pereira.

Na área patrimonial, sua política era a de comprar, sempre que possível, sede para nossas Embaixadas. Seguindo suas instruções, fui a Lisboa com a missão de resolver definitivamente o muitas vezes adiado problema de nossa residência oficial. A orientação era esta: não comprar palácio custoso e de manutenção cara. Mas o momento (1974) suscitava oferta de boas casa ou palacetes à altura de nossas conveniências. E encontramos um importante palacete, da qual se diz ser a melhor casa feita em Lisboa no século XX, com a ajuda do Embaixador Carlos Alberto Fontoura e do Ministro Raul Fernando Leite Ribeiro. Lá, à entrada, foi colocada uma placa com os nomes do Presidente Geisel, do Chanceler Azeredo da Silveira, e o meu, alusiva à aquisição e instalação de nossa residência, no bairro do Restelo, com vista sobre a boca do Tejo, por onde passaram as naus e caravelas de Cabral que o levaram ao achamento do Brasil. O que não era previsível era que o *chela* de Silveira, e ele próprio, viriam a ser inquilinos do palacete dos Queirós Pereira, onde um dia hospedou o ex-Presidente Ernesto Geisel, seu ex-chefe e sempre grandes amigos.

Silveirinha sabia ser sério como às vezes lúdico e brincalhão. O Itamaraty, na opinião dele, deixava às vezes à mostra o sentido do que ele chamava *orfanato*. Era preciso ter consciência do *orfanato*, aceita-lo quando o merecesse. Era preciso clareza no reconhecimento das realidades ao lidar com aquelas que são próprias do ser humano, que por ser funcionário não deixa de ser humano... Aludia muito ao ideal da “busca da felicidade” que, como sempre assinalava, constava do preâmbulo na Declaração de Independência dos EUA, em 1776. Na redação, Azeredo da Silveira tinha preocupação extrema, diria mesmo, como é moda em Portugal, tinha “tolerância zero” para com a má ou incompleta virgulação dos textos sob sua revisão. E também muito com a concisão, correção e precisão. Uma ocasião, vi-o fazer esta pergunta, em tom delicado e irônico, a um chefe de Departamento que assinalava seus problemas de consciência no tomar a decisão: “Você veio despachar ou fazer psicanálise?”

Dava sempre muita importância ao que fazia. A tarefa mais

---

simples que lhe fosse cometida, sabia-a revestir da máxima relevância. Nada do que fosse uma ordem a cumprir deveria ser desprezado. Lembra-me um conceito de Machado de Assis, que está ressaltado no recente livro de Arnaldo Niskier sobre o *Olhar Pedagógico* do grande prosador, inserido no *Memorial de Aires*: “Só se faz bem o que se faz com amor”. Esta era também a lição de Silveirinha. Sobretudo tinha grande amor – e citarei textualmente, como assim ele dizia, o complemento desta frase: “pelas pessoas”. Lembro-me muito uma frase que dizia com certa frequência: “É um grande funcionário mas não gosta das pessoas...” Gostar das pessoas, uma vaga expressão, para ele era cheia de profundidade e significação, pois nada é mais importante do que o ser humano, o *grande prato da vida*. Tinha grande amor por animais domésticos, cães especialmente. Quando eu era Chefe da Administração, um cão grande, de minha casa, matou nosso cão pequenês. Sabendo quão doloroso era o fato para mim, deslocou-se até minha casa para me confortar, a mim e à minha mulher, Dinah. O conforto que nos dava era também em nome de May, uma pessoa adorável, extremamente delicada no zelo e carinho pelo próximo. Silveira se interessava vivamente pelos cuidados que May tão naturalmente sabia demonstrar para com todos que a cercavam. Para usar expressão que lhe era corrente nos lábios, direi com ele que May era “*uma flor*”.

Meus despachos diários com Silveirinha, quando não eram formais, e que requeressem assinatura de atos ou textos, eram feitos dentro de seu automóvel nos percursos de e para o Itamaraty, pois minha casa particular também se situava na Península dos Ministros. Ou se faziam em sua casa de manhã cedo.

No Itamaraty, os jovens mais chegados e próximos de Azeredo da Silveira passaram a ser conhecidos como “Silveira’s boys”. Com todos os riscos em que se incorre com a enunciação de uma lista de nomes – graves riscos de omissão – direi que eram considerados “Silveira’s boys”: nosso Chanceler aqui presente, antes de todos (Silveira costumava dizer: “Tive-o nas mãos em calças curtas”, pois fora um dos

grandes amigos do pai, o Embaixador João Gracie Lampreia, grande chefe e amigo, de saudosíssima memória); o que vos fala, seu chela de sempre e para sempre; Paulo Roberto Barthel Rosa, José Nogueira Filho (Nogueirinha); Gilberto Veloso; Marco César Naslausky; Alcides da Costa Guimarães; René Haguenuer; Jorge Carlos Ribeiro; Sérgio Duarte; Guy Brandão. Sério risco incorro em omissões mas, de modo geral, tive em mente colegas com uma diferença de uma ou meia geração em relação a Silveira e que foram amigos e companheiros de trabalho desde jovens na carreira e por muitos anos. Amigos na carreira, em geral, os teve muitos e outro risco é tentar enumerá-los. Mas não queria deixar de referir Geraldo Holanda Cavalcanti, Luis Augusto Souto Maior, Arnaldo Vasconcelos, João Guimarães Rosa (padrinho de seu filho Flávio), Arnaldo Vieira de Mello, João Hermes Pereira de Araújo. João Emílio Ribeiro, quando era Chefe da Divisão do Pessoal, convidou Silveirinha, que servia em Buenos Aires como Segundo Secretário, para ser seu imediato. Diante da resposta, que só podia ser positiva, telegrafou-lhe de volta João Emílio Ribeiro: “Ganhei a minha paz, você perdeu a sua”.

Não queria deixar de dar uma palavra sobre a descendência de Azeredo da Silveira. Em 1944, nasceu no Rio de Janeiro sua primeira filha, Léa Maria, que foi casada com Roberto Soares de Oliveira, hoje Embaixador em Berna. E em 1945, em Havana, nasceu a filha Lina Margarida. Em 1947, também em Havana, nasceu Flávio Ernesto. Em 1954, no Rio de Janeiro, sua filha Lúcia May, hoje auxiliar administrativa na Delegação Permanente junto à UNESCO, mãe de Clarissa May, com 23 anos. Antonio Francisco Azeredo da Silveira e Christina Aracy Azeredo da Silveira Jordão. Flávio Ernesto, professor de matemática, casado com Mahnaze Ardjomande, iraniana, também matemática, vive em Genebra há 34 anos, isto é desde os dezenove anos, após estudar filosofia em Paris e Friburgo, na Suíça. Por sua vez é pai de três filhos, o mais velho dos quais, Ravá Flávio, com 26 anos, formado em Física, em Genebra e no MIT, em Cambridge, tendo presentemente posição privilegiada como membro da *Society of Fellows*, de Harvard. A segunda filha de Flávio, com vinte-e-um



---

anos, é bióloga, trabalha para a Universidade de Genebra, e pianista diplomada em júri público. A terceira filha, Mercédeh, forma-se em Direito, em Genebra. Azeredo da Silveira não teve a ventura de testemunhar o feliz encarreiramento dos filhos do Flávio.

Para concluir, desejo transcrever uma mensagem que me mandou a funcionária incumbida por minha grande amiga Telma Nóbrega, funcionária do Itamaraty, de fazer-me uma pesquisa nos assentamentos pessoais de Antonio Azeredo da Silveira. Não a conhecia, como ainda não a conheço, mas achei de interesse terminar com suas palavras o desalinho e a simplicidade destes apontamentos sobre o nosso grande Silveirinha. E a seguir as transcrevo.



Palácio Itamaraty, Brasília

Brasília, 26 de Abril de 2000  
Sobre o Embaixador Azeredo da Silveira  
Para o Embaixador Dário de Castro Alves

“Senhor Embaixador,

Gostaria apenas de que o Senhor soubesse que este trabalho, que tive o privilégio de fazer, foi com certeza o mais gratificante que já fiz. É maravilhoso saber que em nosso país tenha existido uma pessoa tão digna de aplausos, pelo amor e dedicação explícitos à pátria e por seu espírito de humanidade.

Os poucos colegas que acaso me viram fazendo este trabalho, e que estão aqui desde a época do Rio de Janeiro, disseram que não houve no Itamaraty chefe mais bondoso, como eu mesma pude constatar com a leitura de seus maços. Pena que o trabalho acabou, fiquei com vontade de tê-lo conhecido.

Deus abençoe o nosso grande Embaixador Azeredo da Silveira.

Desculpe-me, precisava dizer isso”.

Assinado: Gina Alves de Araújo

Muito obrigado.



